

**SPRAYIT** COMPRESSORES DE TODOS OS TIPOS E POTÊNCIAS Industriais e de amador Pistolas de pintura

representante em Portugal:

**Repto**

Rua José Acurio das Neves, 8-B — Tel. 710595 — Lisboa

# Expresso revista

PASSO OS FINS-DE-SEMANA AGRADAVELMENTE: — TRATO DO MEU JARDIM!

Regue V. também as suas plantas, usando **SPRAYIT**

VERSÁTIL • ECONÓMICO • VIGOROSO • DE FÁCIL MANEJO

## AS VIAGENS DE ROSSSELLINI

NÃO É PRECISO explicar Roberto Rossellini. Por outro lado, ele é um dos poucos que as pessoas acordaram em reconhecer em vida por outro lado, ele explica-se bem a si próprio e gosta disso. Falar com ele é como deixar correr o rio da vida à nossa frente. Rossellini, homem «carnal até ao escândalo» como disse alguém, veio parar ao cinema por amor. Amor a uma mulher, amor aos homens, amor à vida. «O que é preciso é enfrentar sempre os outros com amor. Amor sempre, amor em tudo, mesmo quando não se ama, jogar o jogo do amor. **Emmerder les autres par l'amour, voilà** — é a única arma possível». É como o que conta é o futuro e ele acredita nos homens, seres inteligentes e desejosos de saber. Rossellini, em vez de «se juntar às filas dos que se arrancam cabelos», prossegue a sua grande aventura da vida: descobrir e mostrar o que vai descobrindo. Por temperamento, ele vai sempre à frente dos acontecimentos, e, de certa maneira, anuncia-os, mesmo sem querer. Recorde-se que é ao seu filme «Amor» que a América deve (indirectamente) a revogação do velho código

Hayes que, é sabido, controlou a expressão cinematográfica dos americanos até eles descobrirem que a censura era anticonstitucional! Ele veio a Portugal para assistir à abertura da retrospectiva (a primeira tão completa) da sua obra, organizada pela Fundação Gulbenkian, de colaboração com a Cinemateca Francesa. O homem que vimos subir ao palco, terminada a exibição de «Roma, cidade aberta», pareceu-nos real de tão real, de tão exactamente certo. Com uma emoção que não escondia nem ostentava, ele falou como sem pre fim: com palavras que to mava a sua própria tão evidente existência, palavras que nos eram dadas para que lhes dessemos sentido. Contou uma história, agradeceu, disse, talvez, uma frase de circunstância, perguntou se alguém queria falar com ele. Ninguém quis — ou ninguém pôde — e Rossellini, certo como só as essências o são, retirou-se por entre um silêncio incrível mentepesado deixando-nos a impressão de que ali estava um homem sem contradições, finalmente.

### Entrevista de Helena Vaz da Silva

**H.V.S.** — Entre 61 e 65, há um tempo de quase silêncio em que V. para de trabalhar para o cinema antes de começar a fazer filmes para a televisão. Há nesse período declarações suas no sentido de um certo desencantamento pelo cinema. Qual o significado disso?

**R.R.** — Acho de facto que o cinema hoje já não interessa. Acontece com ele o que acontece com tudo. As coisas que se desenvolvem contêm a sua própria morte. O cinema tornou-se de tal maneira uma coisa feita para divertir que nisso se perdeu.

### No princípio estava a guerra

«Além disso, há uma desorientação que eu fiz: a arquitectura da nossa vida baseia-se na emoção, e a qualidade própria do homem é a inteligência, que não tem nada que ver com a emoção. Esta pode-se-lhe juntar mas a inteligência é o principal. Por isso, não gosto nada que me definam como artista. Prefiro ser um homem apenas».

**H.V.S.** — Mas esse seu processo foi lento, foi a pouco e pouco que você foi tomando consciência de que o cinema não o interessava.

**R.R.** — Eu comecei por ter muita esperança no cinema. No fim da guerra, foi muito importante para nós tomar consciência de como éramos responsáveis. Não interessava se tínhamos estado de um lado ou do outro: éramos todos responsáveis, porque é justamente a preguiça e o medo da responsabilidade que levam a que aconteçam coisas dessas.

**H.V.S.** — Foi portanto o fenómeno guerra que o levou a entrar fundo no cinema para responder à situação.

**R.R.** — Sim, eu já fazia umas coisas antes mas foi então que tudo tomou sentido. E o que é que me interessou? Em primeiro lugar, não me deixar prender a modelos, a coisas já vistas. Impressionava-me quando era novo ir ao cinema e verificar que em todos os filmes entravam os mesmos ingredientes: ele, ela e o outro (ou a outra). Era sempre do velho triângulo que se partia. Era horrível isso.

Assim, da minha juventude me ficou o desejo de estar sempre disponível, aderindo à grande aventura da vida, que é a coisa mais importante de todas. Porque não há dúvida que o único tempo real é o futuro. E eu acredito firmemente que estamos no fim de uma civilização.

**H.V.S.** — Em que sentido?

**R.R.** — No sentido de fim das estruturas sociais e económicas, fim de tudo aquilo em que acreditamos. As civilizações



moram como os homens morrem, é normal. Se as civilizações não morressem, não havia turismo no Mundo, visto que as pessoas apenas vão ver os cadáveres das civilizações passadas.

**H.V.S.** — Mas o facto de se sentir no fim de uma civilização, não o impede de ver um sentido na sua própria vida, e ter vontade de fazer coisas.

**R.R.** — Claro. O fim de uma civilização não significa o fim dos homens, é apenas o fim de certos vícios mentais, de certos hábitos, de certas experiências mais ou menos conseguidas.

**H.V.S.** — Quando você se desviou do cinema, virando-se para a televisão, quais foram os motivos? Foi por causa dos produtores que o manietavam demasiado? Foi por causa do público que não conseguia contactar? E porquê não ao cinema, e sem a televisão?

**R.R.** — Porque para fazer cinema temos de sujeitar-nos ao controlo de uma determinada estrutura, que tem certas exigências: o cinema faz-se para dar dinheiro. Como o meu propósito é muito diferente disso, e o dinheiro não me interessa, saí fora do sistema. E a televisão tem a vantagem de um público imenso. Se compararmos, veja por exemplo que os filmes de maior sucesso em Itália são os James Bond que atingiram ao fim de cinco anos dois milhões de pessoas. Os pro-

gramas que eu faço para a televisão são vistos numa noite por dez milhões de pessoas.

**H.V.S.** — E na televisão não há limitação dos produtores?

**R.R.** — Eu sou produtor de mim mesmo.

**H.V.S.** — A retrospectiva que agora se iniciou não inclui os seus filmes anteriores a 45, nem por exemplo a «Anima Nera», que é posterior. Porquê? Será que você renega alguns dos seus filmes?

**R.R.** — «Anima Nera» é outro caso. Não foi incluída creio que por um erro de Langlois. Mas o que acontece é que me atribuíram muitos filmes que não são meus. Um filme em que, depois de eu o acabar, alguém pegou, cortou, fez nova dobragem, meteu novas seqüências, não é meu, não lhe parece? E o caso dos primeiros filmes.

«Em Nave Bianca», por exemplo, há vinte minutos que não são meus. Até há quem diga que eu fiz um filme que se chama «Desiderio». Eu nem sei o que ele é. Vejo aqui na lista de Lisboa um filme «Torino» não sei quê. Nunca ouvi falar nele. Há muita gente que se aproveita de um nome, de uma promessa vaga de colaboração feita a uma esquina de rua e assim se explicam esses filmes apócrifos.

**O que fiz está feito ando para a frente**

**H.V.S.** — Mas dos filmes que são seus, agora, com uma certa distância entre si e eles, há alguns que você prefira ou que gostasse mais de não ter feito?

**R.R.** — Estou-me totalmente nas tintas para eles. Nunca revi nenhum filme meu.

**H.V.S.** — Mas não há certas memórias ligadas a certos filmes. Para bem ou para mal?

**R.R.** — Sim, há histórias que aconteceram durante este filme ou aquele como por exemplo a que eu tive com os produtores

de «Roma, Cidade Aberta», eles, que são ignorantes e sem-culculos.

**R.R.** — Acontece que as pessoas têm desejo de saber. Portanto, interessa oferecer-lhes material. Conheço um pediatra americano, Omar Moore, que fez experiências com crianças de um ano, e um ano e meio. Ele descobriu que para além dos impulsos elementares de medo e desejo, havia outra atitude elementar e primária no homem que é a de fingir que sabe. Considero isto notável. Se pensarmos bem, de facto, toda a gente finge que sabe. Assim o que eu faço é servir-me desse impulso elementar para fornecer material de saber.

**H.V.S.** — Não haverá uma significação profunda nessa sua recusa?

**R.R.** — Para mim, o que fiz está feito, está acabado. Ando para a frente. E a maneira de não me repetir.

**H.V.S.** — Pois, você disse-o ontem à noite, e disse também que viver é lutar. Qual é actualmente a sua forma de luta?

**R.R.** — A minha luta consiste em sair da ignorância.

**H.V.S.** — Fazendo coisas e aprendendo coisas.

**H.V.S.** — E tentando transmitir aquilo que aprende, através do cinema?

**R.R.** — Sim, através das imagens, mais precisamente, visto que não sei fazer outra coisa. Portanto, tento ser o menos ignorante possível e exprimir-me para outros ignorantes como eu.

«Eu creio que o mundo de hoje está doente de uma terrível doença, que se chama a semicultura. A semicultura dá às pessoas a ilusão de que sabem e a ignorância torna-se então sólida como betão. Antigamente as pessoas eram ignorantes e sabiam-no, estavam prontas para aprender; hoje, a semicultura deu-nos a todos um orgulho infinito.

**O homem gosta de fingir que sabe**

**H.V.S.** — No entanto, essa ignorância dos outros não o faz desesperar de fazer coisas para

nos falta conhecimento. Somos especialistas, somos incompletos.

**H.V.S.** — Quando você fala em desenvolver o cérebro, quer referir-se em particular àquela parte do cérebro que nós, ocidentais, não desenvolvemos ao procurarmos apenas acumular conhecimentos?

**A acumulamos «fatias» de conhecimentos**

**R.R.** — Nem sempre acumulamos conhecimentos. Acumulamos fatias de conhecimentos. A especialização é uma doença gravíssima, porque impede todos os contactos.

«Há quatro anos que eu me dedico totalmente aos assuntos científicos. Vim para a América para a Universidade de Houston no Texas, que é uma cidade muito especial porque é a cidade do futuro; tem o hospital metodista, três imensas universidades, especialistas universalmen-

te conhecidos; o mundo científico está aí especialmente bem representado. Quando lá cheguei descobri de repente um mundo que não conhecia. Apaixonei-me por ele e verifiquei que ele lutava por descobrir formas de comunicação interdisciplinar e também com o exterior, porque a grande característica do nosso tempo não é a técnica mas a ciência. Nós confundimos muitas vezes a ciência com a técnica, mas são profundamente diferentes. Um médico não é um homem de ciência, é um técnico. Um astronauta, também.

**H.V.S.** — Você diz que quando chegou a Houston descobriu a ciência. Mas porque é que lá foi?

**R.R.** — Porque eles criaram um «Media Center» (Centro de Meios de Comunicação) e chamaram-me como especialista para colaborar. Quando lá cheguei descobri a Universidade, que era muito mais interessante que o Media Center.

**H.V.S.** — Isso correspondeu a que fase da sua obra? A «Ida-

de do Ferro» é anterior a isso, não é?

**R.R.** — Sim, eu já há tempos atrás procurava investigar a História por uma questão de método. Você sabe que a Psicologia e a Sociologia não são ainda ciências por demasiado especulativas. Acho que um aprofundamento da História as ajudaria a tornarem-se ciências. E um método entre muitos outros. Eu tinha já essa tendência e por isso quando cheguei à América comecei a interessar-me por Cosmologia, Biologia, Matemática...

**H.V.S.** — E você interessou-se por isso tudo, simplesmente por interesse independente de qualquer projecto seu?

**R.R.** — Sim, por curiosidade. A curiosidade é uma grande coisa não acha?

**H.V.S.** — É a coisa.

**R.R.** — É a coisa.

«Foi assim que a pouco e pouco comecei a perceber os problemas e hoje posso já falar em qualquer disciplina e com qualquer pessoa, não como homem de ciência, mas também já não como amador.

**H.V.S.** — Continua regularmente em contacto com as Universidades americanas?

**R.R.** — Sim, acabo de chegar há dois dias dos Estados Unidos. Fiz a volta de todas as Universidades da Costa da Califórnia.

### A Metabiologia, caminho para o Homem

**H. V. S.** — Então conhece o Salk Institute?

**R.R.** — Vou justamente para lá, por uns meses, trabalhar com o Jonas Salk.

**H.V.S.** — Pergunto-lhe isto, porque me parece que ele procura «promover um clima de interdisciplinaridade que corresponde ao seu interesse».

**R.R.** — Eu conheci o Salk há um mês e foi o «coup de foudre». Ele é um homem extraordinário. Vem da Biologia, mas interessa-se agora pela Metabiologia. Isso é a mim atraí-me particularmente, porque tudo o que eu faço é para o Homem.

**H.V.S.** — E vai agora já para lá?

**R.R.** — Em Dezembro tenho um reunião de um grupo a que eu pertenço num Centro Ecu-

Continua na pág. 15

## O PRESENTE COM VALOR, FUTURO



**CROSS**  
SINCE 1846

Ofereça um valor com garantia perpétua. Esferográficas e lapiselras elegantes e clássicas em 4 versões: cromadas, de prata e de ouro de 12 e 14 quilates.

Ofereça **CROSS**



«Emmerder par amour».

## ...e Tabac Original criou SHOWER BATH FOAM

O BANHO DE ESPUMA NO CHUVEIRO



Nem sempre o homem pode tomar um banho de espuma demorado. Por isso TABAC ORIGINAL criou o Shower Bath Foam. Traz uma sensação inteiramente nova e duradoura ao banho de chuveiro. Sai da embalagem em espuma que se multiplica sobre a pele. Shower Bath Foam dá o mesmo prazer e a mesma recuperação de energias que um longo banho de espuma. Limpa a pele, torna-a suave e com vida para um dia de trabalho ou uma noite de prazer.

### ...e Tabac Original FOAM BATH PARA O BANHO DE IMERSÃO

Banho de espuma activo, com vitaminas e extractos de ervas. Descontraí, refresca e regenera a pele. Ao mesmo tempo purifica os poros em profundidade e desodoriza.

